

ROSA LUXEMBURGO: 100 ANOS DEPOIS, CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS ÀS LUTAS POLÍTICAS CONTRA OPRESSÕES

Maria Lucia Cunha Lopes de Oliveira¹

Resumo:

Este trabalho mostra contribuições de Rosa Luxemburgo ao legado marxista, destacando elementos que nos ajudem no exame crítico de relações entre imperialismo(s), nacionalismo(s) e migrações na contemporaneidade. Para isso é importante considerarmos o contexto histórico em que brotaram suas ações e pensamento, observando limites conceituais relacionados ao tempo e espaços de suas lutas políticas. A abordagem teórica é interdisciplinar, trazendo reflexões de Rosa, no âmbito teórico do materialismo histórico dialético, contribuições da Geografia Política e da Sociologia, sinalizando como esse diálogo possa fundamentar ações no sentido da criação de uma sociedade igualitária e livre de opressões. A ênfase é posta no método adotado e defendido por Rosa no exercício pleno da filosofia da práxis, ou seja, o constante, indispensável diálogo ente ação e reflexão, práticas e teorias, método cuja importância acentua-se no enfrentamento de desafios políticos, sociais e educacionais do presente.

Palavras-chave: práxis, luta política, socialismo.

ROSA LUXEMBURGO: 100 AÑOS DESPUÉS, CONTRIBUCIONES METODOLÓGICAS A LAS LUCHAS POLÍTICAS CONTRA OPRESIONES

Resumen:

Este trabajo muestra contribuciones de Rosa de Luxemburgo al legado marxista, elementos que nos ayuden en el examen crítico de relaciones entre imperialismo, nacionalismo (s) y migraciones en la contemporaneidad. Para ello es importante considerar el contexto histórico en que nacen sus acciones y reflexiones, observando límites conceptuales relacionados al tiempo y espacios de sus luchas políticas. El enfoque teórico es interdisciplinario, trayendo reflexiones de Rosa, en el contexto teórico del materialismo histórico dialético, contribuciones de la Geografía Política y de la Sociología, señalando cómo ese diálogo puede fundamentar acciones en el sentido de la creación de una sociedad igualitaria y libre de opresiones. El énfasis se pone en el método adoptado y defendido por Rosa en el ejercicio pleno de la filosofía de la praxis, o sea, el constante, indispensable diálogo ente acción y reflexión, prácticas y teorías, método cuya importancia se acentúa en el enfrentamiento de desafíos políticos, sociales y educativos del presente.

Palabras-clave: práxis; lucha política. Socialismo.

Abstract:

¹ Professora Associada, Faculdade de Educação/Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutora em Educação, Pós-Doutorado em Geografia Política; Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização (NUREG/UFF, coordenado p/ Prof. Rogério Haesbaert), em diálogo com o Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Currículo (NUPEC/UFF, coordenado p/Profª. Gelta T. Ramos Xavier). Docente do Curso de Pós-Graduação *Educação, Trabalho e Cultura Profissional: Multidimensionalidade da Práxis Docente*.

ROSA LUXEMBURGO: A CENTURY LATER, CONTRIBUTIONS TO POLITICAL STRUGGLES AGAINST OPRESSIONS

This article brings contributions from Rosa de Luxemburgo to marxist legacy, reflections that can help us in a critical exam of relationships between imperialism, nationalism and migrations contemporarily. It is important to consider the historical context in which her actions and thoughts came out, observing conceptual limits related to time and spaces of her political struggles. The theoretical approach here is interdisciplinary, taking Rosa's reflections in the framework of dialectical historical materialism, contributions from political geography as well as from sociology, showing how such dialogue may support action towards the creation of an egalitarian, free of oppressions society. The emphasis is on the method adopted and defended by her, which was based on a full exercise the philosophy of praxis, in other words, a constant, dialogue between action and reflection, practices and theories, a method whose importance increases in facing political, social and educational challenges presently.

Key-words: praxis, political struggle, socialism.

REENCONTRO COM ROSA

Que belo capitão seria o navegador que traçasse a sua rota fiando-se unicamente no aspecto momentâneo do mar e não soubesse prever a chegada da tempestade através de sinais observados no céu e nas profundezas do oceano!² (LUXEMBURGO, 1988c, p.260-261; FRÖLICH, 2019, p. 157-158).

Cada passo de movimento real vale mais do que uma dúzia de programas. (MARX; ENGELS, s/d, p. 207)³.

É de se querer acreditar que ainda há esperanças de um reconhecimento tardio de quem foi e o que fez Rosa, e de se esperar que finalmente encontre seu lugar na educação dos cientistas políticos do Ocidente. (ARENTZ, 2008, p.66).

Este trabalho destaca algumas contribuições de Rosa Luxemburgo⁴ ao legado marxista, examinando em sua obra vasta, pulsante e polêmica, elementos que nos ajudem no exame crítico de relações entre imperialismo(s), nacionalismo(s) e migrações/expulsões na contemporaneidade. Para isso é importante considerarmos o

² Carta de Rosa à amiga Tilde (Mathilde Wurm) em fev/1917, escrita na prisão.

³ Trecho de carta de Marx a W. Bracke, no contexto de suas críticas ao Programa de Gotha (1875). A *Crítica ao Programa de Gotha* foi elaborada por Marx em 1875 e oferecida inicialmente em carta a companheiros, porém não foi divulgada (ou foi escamoteada) por razões políticas. Somente foi publicada em 1891, por iniciativa de Engels. convite público para participação na formulação do texto ou discussão sobre seus eixos.

⁴ Nascida em 1871/1870 (há controvérsias), Rosa viveu a infância e adolescência na Polônia russa, tendo sua formação acadêmica na Suíça (onde conheceu Leo Jogiches, seu companheiro de militância e com quem manteve por longo tempo um relacionamento amoroso) e depois seguindo para a Alemanha. Participou de lutas dos trabalhadores por meio de ações e embates político-teóricos com a Social Democracia Alemã (SPD), bem como da Revolução Russa de 1905, da interlocução com a Revolução Comunista de 1917 na Rússia e do Levante de jan/1919, na Alemanha.

contexto histórico em que viveu e no qual brotaram suas ações e reflexões, observando limites conceituais relacionados ao tempo e espaços de suas lutas políticas, mas também reconhecendo a pertinência metodológica de seu trabalho para a atualidade, no sentido da criação de uma sociedade igualitária e livre de opressões. O que pode resultar do reencontro com Rosa, mulher, militante, polonesa, judia, incansável lutadora socialista, polêmica, com extrema sensibilidade aos outros, à natureza, aos amigos⁵?

Nas últimas décadas, e com mais destaque neste ano de centenário do assassinato de Rosa Luxemburgo⁶, a memória de suas ações e reflexões (silenciadas ou obscurecidas por um longo tempo, até mesmo, por diversos motivos, no cenário marxista) vem sendo resgatada. Mais do que apenas honrar e celebrar sua dignidade, coerência e coragem, cabe-nos atentar para sinalizações que nos deixou para a luta política realmente revolucionária. Isso torna-se hoje especialmente importante no cenário nacional e internacional das relações sociais de produção capitalistas, com a complexificação e diversificação no e do mundo do trabalho, a “objetificação” e submissão do trabalhador polivalente, com o enfrentamento de múltiplas (antigas e novas) formas de opressão tais como destituição dos direitos dos trabalhadores, o racismo, a homofobia, a misoginia, a xenofobia constatada na repulsa aos migrantes, a ascensão e multiplicação de movimentos com tendências fascistas, as ameaças à democracia, o combate ao multilateralismo embutido em discursos nacionalistas, entre tantos exemplos de rejeição à alteridade e aos processos democráticos.

Pretendemos, em uma abordagem interdisciplinar, trazer reflexões de Rosa (no contexto teórico do materialismo histórico dialético, da filosofia da práxis), contribuições da geografia política (HAESBAERT, 2004, 2005, 2013; PÓVOA NETO, 2005) quanto a des-reterritorializações e migrações, bem como da área de sociologia em estudos de Saskia Sassen (2005) sobre expulsões na economia global hoje.

⁵ Para uma apreciação do lado poético, da sensibilidade de Rosa, de sua dedicação à Botânica, é interessante ler suas cartas à família e amigos, especialmente durante períodos em que esteve presa. Ver: VARES (org.), 1988; FRÖLICH, 2019, p. 191-208 (Rosa como “*uma vela queimando pelas duas pontas*”).

⁶ Rosa Luxemburgo foi brutalmente assassinada em Berlim no dia 15/01/1919, assim como Karl Liebknecht, seu companheiro de lutas no Partido Social Democrata (SPD) na Alemanha, na posterior integração (1917) ao Partido Democrata Independente Alemão (USPD), na criação da Liga Spartakus (1916) e do Partido Comunista Alemão (dez 1918/jan 1919). Fora presa em janeiro/1919 na repressão à insurreição proletária contra o governo social-democrata que assumira o poder após a queda do Kaiser Guilherme II em 1918. Morta por coronhadas e um tiro no crânio, seu corpo foi atirado no Canal Landwehr, só reaparecendo em maio do mesmo ano. Nenhum dos participantes do assassinato foi jamais efetivamente condenado. Em março do mesmo ano seu companheiro Leo Jogiches também foi preso e assassinado na cadeia da Chefatura de Polícia.

Observamos como esse diálogo pode vir a fundamentar nossas ações no enfrentamento de desafios políticos e sociais do presente.

Sem a pretensão, nos limites deste trabalho, de uma exposição e interpretação exaustivas da vida e da vastíssima e complexa obra de Rosa⁷, buscamos escritos originais de sua autoria (textos, pronunciamentos, cartas) reunidos por estudiosos de seu pensamento (LOUREIRO, 2005; LOUREIRO&EVIGEVANI, 1991; VARES, 1988), bem como material biográfico (FRÖLICH, 2019)⁸ e contribuições de ARENDT (2008, original 1968).

Destacamos alguns elementos que nos parecem mais significativos de seu legado para um estudo crítico de relações entre imperialismo (em suas manifestações atuais), a questão nacional e migrações. Finalizamos com desafios que emergem nesse quadro para os trabalhadores em geral, bem como implicações para os trabalhadores da Educação. Os escritos *A Acumulação do Capital* (1913), em suas contribuições e fragilidades, bem como *Folheto Junius* (1915) e *A Revolução Russa* (com críticas iniciais ao bolchevismo nos primórdios da Revolução Russa de 1917), pareceram-nos fontes importantes para os propósitos deste trabalho.

O pensamento de Rosa sobre as relações entre o nacional e o internacional, sobre o protagonismo das massas (e críticas a ela nesse sentido, por parte dos que a interpretaram como apologista de um espontaneísmo absoluto), sua aversão contumaz ao vanguardismo e à burocratização da política, são pontos que destacamos neste trabalho, porém a ênfase aqui está posta no método adotado e defendido por Rosa, ou seja, o constante, indispensável diálogo ente ação e reflexão, práticas e teorias, no exercício pleno da filosofia da práxis, essência do marxismo.

IMPERIALISMO(S) E A QUESTÃO NACIONAL: DE ROSA AO TEMPO PRESENTE, DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Desvendando relações:

Nas lutas dos trabalhadores, historicamente faz-se presente a tensão entre a questão nacional (com suas características, atores nos embates e alianças) e as diversas formas pelas quais o(s) imperialismo(s) econômicos-sociais-culturais, manifestam-se e

⁷ No difícil contexto político após sua morte, o acesso aos escritos de Rosa tornou-se problemático, havendo inclusive dispersão de textos.

⁸ A biografia elaborada por Frölich teve o texto original publicado em Paris no difícil período às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

escamoteiam-se ao longo do tempo no cenário das relações sociais de produção capitalista.

No contexto atual de uma globalização baseada em programas econômicos neoliberais (com intensa redução do papel do Estado nas políticas sociais, privatizações), observa-se também, no âmbito nacional e internacional, a ascensão política e ideológica de uma direita populista, radical, o ressurgimento de governos com orientações fascistas, o apelo ao nacionalismo atrelado à xenofobia, discursos e decisões contrárias ao multilateralismo⁹, aversão às diferenças de idéias, de origem, de etnias, de orientação sexual, de projetos de vida.¹⁰

Os discursos sobre democracia mascaram práticas autoritárias, a laicidade do Estado é negada pela exaltação ao fundamentalismo religioso. Nesse cenário, a questão dos interesses econômicos nacionais é apresentada como descolada das relações sociais de produção capitalistas no mundo; invisibiliza-se o fato de que guerras, intervenções militares, empresariais e midiáticas sucedem-se a serviço do capital, obscurecem a luta de classes, a fragmentação do proletariado na luta pelas migalhas dos grandes banquetes, dificultando a luta revolucionárias contra opressões.

É importante lembrarmos como o marxismo buscou desvendar as formas de divisão da classe proletária resultantes tanto das ações da classe dominante através do imperialismo como, no campo do marxismo, pelo revisionismo. Por exemplo: Marx, em sua crítica ao Programa de Gotha (1875)¹¹ por suas lacunas e “restolhos fraseológicos”, já apontava a estratégia dos proponentes em dissimular, através do “marco nacional”, a recusa à luta efetivamente revolucionária dos trabalhadores¹²:

Naturalmente, a classe operária, para poder lutar, tem que organizar-se como classe em seu próprio país, já que este é o campo imediato de suas lutas. Neste sentido, sua luta de classes é nacional, não por seu conteúdo, mas, como diz o Manifesto Comunista, “por sua forma”. Mas, o “marco do Estado

⁹ A aprovação do BREXIT (saída da Inglaterra da União Européia), barreiras comerciais, a construção de muros para conter migrações, entre outros exemplos.

¹⁰ Homofobia, racismo, violência contra a mulher, ataques aos direitos de indígenas, criminalização de movimento sociais, entre tantos exemplos.

¹¹ Quatro /cinco anos depois do nascimento de Rosa (em 1871/1870, há duas versões sobre o ano).

¹² As críticas são severas e reveladoras da indignação de Marx frente ao texto. Indicam que o conteúdo do Programa, inspirado em Lassalle (1825-1864), é ambíguo e sugestivo de aliança com Bismarck (então Primeiro Ministro do Império, tendo em 1871 posto fim à Comuna de Paris e em 1878 vindo a decretar a lei de exceção contra a social-democracia, conhecida como “lei contra os socialistas”. Quanto à metodologia de elaboração do documento, Marx e Engels (este em suas cartas) denunciam a arbitrariedade dos autores; destacam que não houve prévia consulta, convite público para participação na formulação do texto ou discussão sobre seus eixos.

Nacional de hoje”, por exemplo, do Império Alemão, acha-se por sua vez, economicamente, “dentro do marco” do mercado mundial e, politicamente, “dentro do marco” de um sistema de Estados [...] E a que reduz seu internacionalismo o Partido Operário Alemão? A consciência de que o resultado de suas aspirações será a fraternização internacional dos povos”, uma frase tomada da Liga Burguesa pela Paz e a Liberdade, que se deseja passar como equivalente da fraternidade internacional das classes trabalhadoras, em sua luta comum contra as classes dominantes de seus governos. Dos deveres internacionais da classe operária Alemã não se diz, portanto uma só palavra! (s/p.).

Rosa, em *A Acumulação do Capital* (1913)¹³, trabalho em que discorda de Marx (livro II de *O Capital*) quanto à ideia de uma acumulação progressiva e permanente da produção (FRÖLICH, 2019) no âmbito próprio do capitalismo, expõe sua visão sobre o panorama mundial, apontando o papel do imperialismo na nutrição do capital.

[...] quando o capitalismo vive de sistemas não-capitalistas, ele vive, em termos mais precisos, da ruína desses sistemas e, necessitando absolutamente do contexto não capitalista para a acumulação, necessita dele como do húmus à custa do qual, por sua absorção, a acumulação se efetiva (p.165).

O imperialismo é um método histórico de prolongamento da existência do capital tanto quanto o meio mais seguro de estipular objetivamente uma meta para sua existência pelo caminho mais curto [...] Quanto mais violentamente o capital [...] pressiona para baixo as condições de existência de todos os extratos de trabalhadores, tanto mais a história cotidiana da acumulação do capital no alço mundial se transforma em uma cadeia contínua de catástrofes econômicas periódicas em forma de catástrofes e convulsões políticas e sociais. (p.169-170).

Mais adiante, Rosa viria a manifestar-se veementemente sobre a submissão do Partido Socialista Alemão (SPD) ao imperialismo quando este vota, em 4 de agosto de 1914, a favor dos créditos de guerra. Enfatiza na ocasião a importância do caráter internacionalista da luta do proletariado alemão, polonês e russo:

Sob os golpes mortíferos da guerra mundial imperialista, aquela que era nossa crença e nossa esperança, a internacional da classe proletária se submeteu vergonhosamente a e mais vergonhosamente ainda, é verdade, nossa seção alemã da Internacional, que se dizia vocacionada para marchar à gente do proletariado mundial [...] (LUXEMBURGO apud VARES, 1988 p.15).

Em 1915, na prisão, articula com Karl Liebknecht a Conferência de criação da *Liga Spartacus* e as diretrizes de sua base programática. E em um breve período fora da prisão¹⁴, escreve publica a *Brochura de Junius* (pseudônimo), com o título original *A*

¹³ Trabalho que foi bastante contestado, tanto por social-democratas como por setores mais visivelmente reformistas (VARES, 1988; FRÖLICH, 2019).

¹⁴ Muitas foram as ocasiões em que esteve preso ao longo da vida.

Crise da Social Democracia Alemã.¹⁵ Ao referir-se à “marcha triunfal do capitalismo em todo o mundo, acompanhada pelo uso da força, da pilhagem, pela infâmia em todos os aspectos” (1988a, p.184) diria:

A política dos estados imperialistas e a guerra imperialista não podem outorgar a liberdade e a independência a uma só nação oprimida. As nações pequenas, cujas classes dominantes são cúmplices de seus sócios maiores nos grandes estados, não são mais do que peões no tabuleiro imperialista das grandes potências (Ibid, p.189).

Podemos ver que apesar de sua interpretação diferente da de Marx quanto à forma “pura” de acumulação do capital¹⁶, Rosa manteve-se próxima a ele na necessidade de se considerar criticamente, nas lutas dos trabalhadores, os interesses envolvidos, assim como as relações entre o nacional e o mundial, o local e o global, contrapondo ao imperialismo a luta internacional dos trabalhadores:

Se Rosa Luxemburgo rejeitava a fórmula abstrata da auto-determinação das nações é porque, para ela, todas as lutas se subordinavam à luta pelo socialismo, inclusive no tocante à questão nacional: apenas uma análise materialista dos interesses de classe em jogo poderia revelar se a luta nacional era progressista ou reacionária. (LOUREIRO, 2019, p.353).

Também (como veremos na próxima seção) segue a dialética marxista quanto ao método de análise e intervenção na realidade social. Como Marx, ela via na história um processo no qual classes lutam pela defesa de interesses que são originários da evolução de relações econômicas objetivas. Entendia, em consonância com Estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), que a libertação da classe trabalhadora tem de ser obra dos próprios trabalhadores¹⁷.

Método, críticas, contribuições:

Sabemos que após a morte de Rosa e de seu corpo ter sido jogado nas águas do Rio (de onde custou a emergir), seu pensamento e alertas também por longo tempo permaneceram submersos¹⁸, seus escritos dispersos. Para isso concorreram as dificuldades organizacionais que se seguiram para a esquerda europeia após a Primeira Guerra Mundial e a morte de Lênin (1923), a fragmentação da classe trabalhadora, a

¹⁵ Com publicação somente em abril de 1916.

¹⁶ Cabe considerar como o contexto em que Rosa viveu (o envolvimento na Revolução Russa de 1905, o ambiente político no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial) influenciaria suas reflexões.

¹⁷ A AIT, criada em Londres, 1864, foi posteriormente ficando conhecida como I Internacional. A II Internacional foi criada em Paris, 1889, havendo embates entre correntes, despontando o debate sobre o reformismo.

¹⁸ Em torno dos anos 60 do Século XX começa a acontecer o resgate de sua obra.

ascensão do fascismo, bem como o silêncio sobre sua obra (ou mesmo a acusação de visão contra-revolucionária). Também concorreram para esse esvaziamento o ambiente do stalinismo e a reação às críticas e alertas de Rosa sobre a burocratização dos partidos, sobre os riscos de centralização de decisões após movimentos revolucionários.

100 anos depois, em um contexto tão distante no tempo e com configurações espaciais tão distintas nas lutas, o que podemos “trazer à tona” de Rosa para o enfrentamento de desafios às lutas contra múltiplas formas de opressão?

Em um cenário objetivamente sombrio, qual o papel dos sujeitos na resistência, na recusa à submissão e ao conformismo diante de políticas que nos dividem? Qual o papel da teoria marxista na interpretação e na luta contra a atmosfera catastrófica de opressão dos trabalhadores, revogação de direitos constitucionais, violência sofrida pelas mulheres, violência contra pessoas por sua orientação sexual, formas de religiosidade (ou pela sua convicção ateuista) e manifestações culturais? Em um contexto de posturas anti-intelectualistas, como o marxismo pode enfrentar preconceitos e tabus, desnudar mitos? Nesse sentido, se as situações conjunturais são bem diferentes e conceitos devam ser confrontados com novas realidades, o método enfatizado por Rosa permanece de muita relevância: o concreto como ponto de partida, a indissociabilidade entre práticas e teorias, o constante diálogo entre ação e reflexão na direção do objetivo da luta socialista.

Opondo-se vigorosamente à tese revisionista de Bernstein sobre “o movimento é tudo, o objetivo nada é”, Rosa em *Reforma e Revolução* (2005, p.108), publicado em 1900, mostra que não aceita o abandono da meta socialista (socialização dos meios de produção) por reformas progressivas dentro do sistema capitalista. Combate a ideia (ingênua ou oportunista) de construir-se o socialismo em aliança com o Estado e afirma a importância da unidade de movimento e objetivo, permeada pelo constante diálogo entre ação e reflexão, ação essa que “só pode ser a mais ampla possível, e devendo incluir todos os setores da vida social e cultural” (VARES, 1988, p.44),

Em relação à Revolução Russa de 1905 e a consciência de classe, diria:

[...] o proletariado precisa de um alto grau de educação política, de consciência de classe, e de organização. Não pode adquirir estas condições em folhetos ou panfletos, mas na escola política viva, na luta e pela luta, no curso da revolução em marcha (apud LOUREIRO; VIGEVANI, 1991, p.129).

Identificando a necessidade de enfrentar-se a rigidez cientificista tanto de uma apreensão dogmática, equivocadamente positivista do marxismo como por parte dos vários relativismos, insistiu sempre nos diálogos com os sujeitos, movimentos e contradições da realidade. A valorização do papel dos trabalhadores, das massas, como sujeitos, protagonistas de ações revolucionárias, sua afirmação de que “movimentos revolucionários não podem ser “feitos”, não acontecem por uma resolução de uma autoridade do partido” (FROLICH, 2019, p.154)¹⁹ foi um dos aspectos presentes nas críticas ao pensamento de Rosa, sendo muitas vezes a ela atribuída a defesa de uma concepção espontaneísta:

O teor [de acusações a ela] é este: negação, ou, pelo menos, diminuição condenável do papel do partido como líder na luta de classes, veneração acrítica das massas,[...], negação ou subestimação das ação consciente e organizada, automatismo e fatalismo do processo histórico.(Ibid, p,155).

Entretanto, sua esperança na potência das massas não esvaziava o papel, a responsabilidade, o trabalho do partido. A este atribuía o papel de identificar, reconhecer nos movimentos, passos, recuos, tropeços, sentimentos e aspirações das massas os elementos para uma leitura teórica e para maior aproximação dos trabalhadores, no sentido de contribuir para desenvolvimento da necessária consciência crítica social sobre as relações de classe.

E considerava necessário que, no Parlamento, a ação do partido fosse de efetiva representação dos trabalhadores, sem ceder-se a ambiguidades e concessões. Para Rosa, a tarefa da social-democracia e de seus líderes, como disse em 1913, discordando de Kaustky, não seria a de “ser levada de roda pelos acontecimentos, mas antecipar-se a eles conscientemente, ter uma visão geral dos rumos do desenvolvimento, encurtá-lo pela ação consciente e acelerar o andamento.” (LUXEMBURGO *apud* FRÖLICH, 2019, p. 157).

Rosa percebe a complexidade de uma transformação revolucionária da sociedade e a irrelevância de documentos e programas engendrados com caráter de formulação-prescrição, os riscos do vanguardismo, do dogmatismo, da burocratização de partidos, sindicatos, associações. Enfatiza, como método, a importância da valorização do aprendizado prático-teórico extraído dos processos sociais, forjado nas

¹⁹ LOUREIRO;VIGEVANI (1991), FRÖLICH (2019), assim como VARES (1988) lembram-nos que ela escreve para a sua época, para o movimento dos trabalhadores alemães, no qual a organização deixara de ser um meio para ser um fim.

lutas dos trabalhadores, e não de programas, teses e conceitos concebidos em âmbito abstrato, como um modelo teórico fechado.

Para Marx, que enxergaria ser necessário superar duas unilateralidades (a do materialismo e a do idealismo), a práxis

é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmo. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa de reflexão, do auto questionamento [...]. (KONDER, 1992, p. 115).

E assim Rosa entenderia a práxis revolucionária, uma relação dialógica e constante entre circunstâncias históricas objetivas e o papel dos sujeitos. Como nos lembrou Hannah Arentz (no livro “Homens em tempos Sombrios”), ao comentar o que Rosa aprendera com os conselhos operários revolucionários em meio à Revolução Russa de 1905, “a boa organização não precede a ação, [...] a boa organização pode e deve ser aprendida na própria revolução, assim como só se pode aprender a nadar na água” (2008, p.62). Sobre isso, Arentz ainda disse: Rosa não acreditava numa vitória onde o povo em geral não tomasse parte ou não tivesse voz; na verdade, acreditava tão pouco em tomar o poder a qualquer preço que “tinha muito mais medo de uma revolução deformada do que uma fracassada”. (Ibid, p.63).

Liberdade somente para os partidários do governo, para os membros de um partido, por numerosos que sejam, não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa diferente. Não por fanatismo da “justiça”, mas porque tudo quanto há de instrutivo, de salutar e purificante na liberdade política prende-se a isto e perde sua eficácia quando a liberdade torna-se um privilégio. (LUXEMBURGO, 1988b, p. 218-219).

Embora não seja libertária, Rosa Luxemburgo faz uma defesa séria da liberdade política. O liberal adotava a liberdade política para justificar a desigualdade econômica. Penso que a esquerda deve adotar a liberdade política para caminhar para liberdade econômica [TRAGTEMBERG, 1991, p.37]²⁰

A partir da Revolução Russa de 1917, temendo que os trabalhadores alemães seguissem o exemplo russo com fé cega, como modelo, mesmo correndo o risco de que [seu alerta] pudesse ser interpretado “como forma de desmerecer o prestígio e o exemplo fascinante dos proletários russos”, Rosa diria:

Não é criando um entusiasmo artificial, mas ao contrário, só fazendo o proletariado alemão compreender a gravidade e a complexidade das tarefas a cumprir, desenvolvendo sua maturidade política e sua capacidade política de julgamento (que a social-democracia esforçou-se sistematicamente em

²⁰ Mauricio Tragtemberg, teórico libertário. As relações e tensões teóricas e políticas de Rosa com o anarquismo poderão ser examinadas em outros trabalhos.

abafar, por longos anos e sob os pretextos mais diversos), que ele poderá elevar-se à altura de preencher sua missão histórica. (1988b, p.197).

Sua atenção à importância de uma revolução conjugada à democracia em moldes socialistas (e não da democracia parlamentar nos moldes tradicionais social-democratas) certamente fundamentou também o alerta que traria aos bolchevistas²¹ por ocasião da Revolução de 1917. Atenta ao importante papel de Lênin e às singularidades do momento, mas também preocupada com o que poderia ser a concentração de poder no governo e cúpula do partido, afirmaria que “a tarefa histórica do proletariado, quando toma o poder, consiste em instaurar a democracia socialista no lugar da democracia burguesa, e não em suprimir toda democracia.” (Ibid, 223-224).

Mais tarde, quando durante o stalinismo na União Soviética intensificaram-se a centralização de poder no partido comunista, a burocratização, a supressão da liberdade, entre elementos que impulsionaram a derrocada (AGUIAR, 1993; ARENTZ, 2008), seria tempo de lembrar-se o temor de Rosa quanto aos riscos que a concentração do poder traria para o sucesso da tarefa revolucionária.

Enfim, vemos reflexões, críticas, alertas de Rosa ao legado marxista. Ao rememorarmos seu pensamento, sua obra, suas lutas, avanços, erros e acertos, o que nos salta aos olhos é a importância de seu método de análise-ação, o diálogo (sempre crítico) entre circunstâncias objetivas e o papel dos sujeitos, entre limites e possibilidades, comprometendo-se com práticas-teorias-ações transformadoras, no exercício pleno da filosofia-metodologia da práxis.

100 ANOS DEPOIS: EXPULSÕES, MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS, RETERRITORIZAÇÕES

Lembramos de Rosa, quando em 1899, no texto *Reforma e Revolução* disse:

Enfim, agravam as contradições da economia capitalista mundial, e o caráter nacional do Estado capitalista, porque se fazem sempre acompanhar de uma guerra de tarifas, aguçando assim os antagonismos entre os diferentes estados capitalistas. Acrescentem-se a isso as repercussões, revolucionárias no mais alto grau, que exercem os cartéis na concentração da produção, no seu aperfeiçoamento técnico, etc.(p.34).

Embora Rosa tenha sido uma “migrante” no sentido de transpor fronteiras entre países (da Polônia russa da infância e adolescência aos estudos universitários na Suíça, da presença no movimento social democrata na Alemanha às interações com as

²¹ Rosa entendia que após a Revolução e dissolução do Parlamento, juntamente com os Conselhos deveria haver a Convocação de uma Assembléia Constituinte, idéia que contrastava com a dos bolcheviques, que temiam que isso levasse a uma dualidade de poderes.

Revoluções Russas de 1905, 1917), e também no sentido de transpor fronteiras políticas, étnicas²², culturais, epistemológicas, assim como fronteiras do papel tradicional atribuído à mulher, o foco de seus trabalhos sobre deslocamentos foi naqueles causados pelas guerras imperialistas.

100 anos depois, em um contexto tão distante no tempo e com dimensões espaciais tão distintas nas lutas, o que podemos “trazer à tona” de Rosa para o enfrentamento de desafios às lutas contra múltiplas formas de opressão? Como o capitalismo vai se reconfigurando?

Alternando fases de acumulação e crise, estabilidade e instabilidade (que não se restringem à lógica econômica, incluindo também a lógica político-militar) [...] o capitalismo se reordena, sobretudo em função das constantes inovações tecnológicas, criando com elas novas “necessidades” capazes de redirecionar e reimpulsionar os ciclos produtivos.(HAESBAERT, 2013, p..15).

Hoje diversos problemas atravessam o mundo face às dificuldades econômicas trazidas pela financeirização do capital, as guerras comerciais, o descumprimento de acordos climáticos, desastres ambientais, o colapso da democracia liberal frente ao fortalecimento da direita ultraconservadora (CASTELLS, 2018), a presença de regimes fundamentalistas religiosos. Com que nos deparamos hoje quanto às relações entre o nacional e o mundial? Que tensões, contraposições e intersecções, movimentos (do capital, dos trabalhadores, das minorias) evidenciam-se? Quais interesses políticos conjugam-se, confrontam-se?²³ Com vantagem para quem? Quais desterritorializações²⁴ e reterritorializações se processam?

É inerente à lógica do capital [...] expandir-se tanto em profundidade, reordenando espaços já incorporados (a partir da reconstrução de territórios previamente existentes, ou seja, de dinâmicas intrínsecas de reterritorialização) quanto em extensão, incorporando constantemente novos territórios (ou seja, territorializando-se pela desterritorialização de grupos culturais e sócio-econômicos distintos). (HAESBAERT, 2013, p.14).²⁵

Ainda que as fronteiras tenham se tornado mais abertas para circulação do capital financeiro ou para os fluxos de mercadorias (estes, muitas vezes,

²² Para compreensão/questionamento tanto das relações culturais e políticas de Rosa com o judaísmo europeu, bem como sobre suas relações intelectuais com Leo Jogiches, seu companheiro por longos anos, é muito interessante a leitura de Arentz (2008, p. 46).

²³ A exemplo da situação da União Europeia hoje.

²⁴ Haesbaert refere-se à desterritorialização dizendo respeito às várias dimensões de território, ou seja, a dimensão físico-material, econômica, política, cultural.

²⁵ Assim, segundo o autor, a figura do migrante é extremamente diversa, envolvendo múltiplas culturas e classes sociais, [sendo] a própria migração movida pelos mais diferentes fatores e visando aos mais diversos objetivos” (2005, p.360).

dentro de uma reterritorialização em termos dos chamados blocos econômicos), elas geralmente têm se fechado para o fluxo de pessoas. (Idem, 2004, p.248).

Ao avaliarmos [...] níveis de desterritorialização para cada grupo ou classe social, percebemos claramente que aquilo que é denominado desterritorialização para a elite planetária que se locomove com facilidade não tem nada ver com o deslocamento compulsório das classes mais baixas. (Idem, 2005, p.38).

Escutamos o discurso populista-nacionalista sobre “*America first*” nos Estados Unidos, vemos na atual política externa brasileira (2019) uma retórica cultural e economicamente isolacionista (conjugada a refrões patriótico-religiosos). Isolando-se, aproximando-se de quem? Aproximações, alianças de Estados capitalistas (e/ou de setores-frações da classe dominante) são apresentadas como motivadas por interesses econômicos nacionais em comum e afinidades ideológicas conservadoras, porém o que percebemos: estratégias que silenciam, camuflam conflitos de classe.

Como os “riscos” da chegada de migrantes são propagados para exaltar as culturas nacionais? Com a contenção da economia, a situação dramática dos trabalhadores, a disputa por postos de trabalho é explorada no sentido de despertar a aversão ao outro, ao “concorrente barato” no mercado de trabalho. A política de construção de muros é apresentada como “proteção” ao trabalhador nacional, à cultura nacional. Vê-se a rejeição, a intolerância, políticas de controle da mobilidade, criminalização dos migrantes:

A idéia de “invasão, normalmente associada a hordas, a bárbaros, goza de imensa popularidade no discurso político anti-imigrantista. É notório que os imigrantes servem frequentemente como catalisadores de múltiplas frustrações, bom com de temores difusos [...] Daí a se falar [...] em criminalização, não simplesmente de migrantes, mas da própria migração como processo. (PÓVOA NETO, 2013, p.303).

Em um “mergulho no tempo”, lembramos novamente de Rosa (1913)²⁶ e de sua clareza (há mais de 100 anos) a respeito de como o capital, para sua acumulação, necessita expandir-se espacialmente, “nutre-se” disso. O olhar para a globalização contemporânea (em suas dimensões econômicas, culturais, políticas) mostra-nos como a expansão do capital provoca “desnutrição” econômica e social de países, povos, comunidades. No contexto da desigualdade global (de recursos materiais, de poderes), observa-se também como [períodos e] situações de contração das economias levam “à expansão das expulsões” (SASSEN, 2005):

²⁶ Ver p.6 deste trabalho.

Se a desigualdade continuar crescendo, em algum momento poderá ser descrita, mais precisamente, como uma expulsão. Para aqueles que estão na parte mais baixa da escala [...] isso significa a expulsão de um espaço de vida. Para os que estão no topo, parece ter significado o fim das responsabilidades como membros da sociedade por meio da autoseparação [...]. (p.24).

Desemprego, precarização das condições de vida e trabalho, migrações forçadas resultantes de conflitos nacionais, regionais, étnicos, são objetos de teorizações e de apreensões. São situações que precisam ser estudadas analisando suas relações escalares:

[com] a reacomodação das esferas de poder em escala nacional e internacional, temos a geração de *deslocamentos de massa ligados à multiplicação de conflitos regionais*. A África, em geral, mas também o caso colombiano na América Latina, assim como o da Ásia do Sul e Central, mostram o crescimento de deslocamentos dentro das fronteiras nacionais e, no caso de agravamento da situação, para além das mesmas, alimentando o fluxo de refugiados. (PÓVOA NETO, 2013, p.306).

A análise das relações escalares é passo importante para desvendar-se, examinando as várias especializações dos conflitos, as questões estruturais geradoras de guerras, devastação de recursos naturais, acirramento de disputas entre grupos no cenário global capitalista. Sassen (2005), ao comentar sobre a proliferação das dinâmicas de expulsão, sobre a complexidade na economia global, traz-nos a pergunta:

“para onde vão os expulsos? [...] O espaço dos expulsos se expande e se torna cada vez mais diferenciado. [...] os espaços dos expulsos clamam por reconhecimento conceitual. São muitos, crescem e se diversificam. São condições conceitualmente subterrâneas que precisamos trazer para a superfície. São, em potencial, os novos espaços para criação de economias locais, de novas histórias e de novas formas de pertencimento” (p.262).

Haesbaert (2004), em suas reflexões sobre desterritorialização e reterritorializações no panorama da globalização, cria um conceito, o de multiterritorialidade, que nos ajuda a perceber a dinâmica de deslocamentos forçados (em outros casos, desejados) em decorrência de questões econômicas, políticas e culturais:

mais do que território unitário como condição clara e estaticamente definida, [pensemos em uma...] dinâmica combinada de múltiplos territórios ou melhor, “multiterritorialidade”, [...] principalmente agora que as mobilidades dominam nossas relações com o espaço.(p. 341).

Para onde vão os expulsos do mercado de trabalho, das terras indígenas, os expulsos das escolas em decorrência de questões sociais, os expulsos de suas raízes ambientais e culturais em função de desmoronamentos e inundações resultantes do descaso com as vidas humanas e ânsia irresponsável por lucros, os sujeitos-objetos de

mobilidades não desejadas? Que histórias e geografias reconstroem? Voltando a Rosa, com ênfase em seu método de investigação-análise e ação, ou seja, o debruçar-se sobre processos em curso para deles, da realidade concreta, extrair elementos para a teorização e a luta revolucionária, a tarefa consistiria em:

[...] reexaminar, a cada etapa da evolução, o curso seguido pelas transformações econômicas e seus efeitos sobre os interesses, as concepções, os objetivos e a atividade política dos grupos sociais. (VARES, 1988, p.41).

“Trata-se também [hoje] do período em que se manifesta, pela primeira vez com intensidade, o que pode ser chamado de um conjunto de movimentos contraglobalizadores”, afirma Haesbaert (2013, p.17). Refere-se a “movimentos não no sentido de simplesmente contraporem-se genericamente aos processos de globalização, mas efetivamente²⁷ [...] propondo projetos de um socialismo de diferença. Movimentos sociais articulam-se hoje, em espaços presenciais e/ou virtuais, em cenários locais, nacionais e intencionais, criando ações de resistência coletiva, formando grupos e redes colaborativas com caráter emancipatório, divulgando informações, expondo críticas, socializando experiências que se contrapõem à lógica, aos princípios e valores do capital, ao machismo, violência contra a mulher, homofobia, racismo, aos ataques à educação pública e outras formas de opressão.

[vemos] a possibilidade de recriar, pelas próprias coletividades, territórios originais que atendam não só às suas aspirações de sobrevivência e reprodução material, como também à expressão das especificidades culturais que efetivamente mobilizam e animam os grupos sociais (p. 100). Aí os territórios não seriam mais instrumentos de alienação, segregação, opressão e insegurança, mas espaços estimuladores, ao mesmo tempo, da diversidade e da igualdade sociais. (Idem, 2004, p. 370).

Ao refletir dialeticamente sobre relações entre condições históricas objetivas e o papel dos sujeitos na construção de uma sociedade igualitária e livre, diria Rosa Luxemburgo que “o homem não faz a história por sua vontade própria, mas a faz mesmo assim. (1988a, p.114).

A EDUCAÇÃO PÚBLICA DIANTE DE OPRESSÕES

Atualmente, no enfrentamento das múltiplas formas de opressão, testemunhamos, no campo da Educação, os ataques aos professores como trabalhadores. À precarização das condições de vida e exercício profissional somam-se

²⁷ Citando, por exemplo, o movimento zapatista no México. E podemos pensar nas lutas e realizações dos sem-terra no Brasil, em cujos projetos e ações há muitas citações a Rosa e a Paulo Freire.

as ameaças à liberdade de expressão, docência e discência no atual cenário político no Brasil. A censura, vigilância, estímulo às denúncias, a criminalização, a tentativa de apagamento da reflexão crítica no ensino associam-se à imposição de concepções religiosas nos currículos escolares da educação pública, ignorando a laicidade constitucional do Estado.

Uma retórica de pretensa neutralidade ideológica coincide com a imposição de diretrizes ideológicas em reformas, concepções e instrumentos de avaliação. O discurso sobre liberdade contradiz-se em políticas públicas de educação nas quais expressam-se o autoritarismo, os decretos, a centralização de decisões. Sucedem-se as tentativas de supressão de fóruns coletivos de educação, desconsiderando a produção científica sobre Educação no país²⁸.

As ações rumo à privatização da Educação Pública, a restrição a políticas afirmativas, revelam certamente formas de opressão sobre os mais pobres, a redução de oportunidades, pois

Não se pode falar de liberdade de escolha se ignoramos as enormes desigualdades que caracterizam as sociedades, a essa altura da história; os conflitos de valores, as distribuições de recursos e de poder desiguais, a falta de reconhecimento de numerosos grupos sociais. O que é liberdade ou possibilidade de escolha para os grupos sociais mais favorecidos é destino inexorável para outros. (TORRES SANTOMÉ, 2003, p.98).

Revela-se a contraposição entre o ideário socialista de uma educação igualitária em oportunidades de formação e uma perspectiva que prioriza na formação dos trabalhadores o atendimento às demandas do mercado, caracterizada por medidas que reforçam o dualismo na educação (ARROYO, 2011; GIMENO SACRISTÁN, 2006).

Como não ver hoje as pressões que desde interesses econômicos se erguem sobre as políticas educativas para que a formação dos alunos siga uma direção interessada? Por que “caráter empreendedor” abre uma nova e urgente discussão sobre os conteúdos? (GIMENO SACRISTÁN, 2015, p.13).

Mesmo em meio a relações desiguais de poder, há disputas e resistência na atuação política dos professores e estudantes, articulada a uma pluralidade de movimentos e ações coletivas contra formas de opressão de classe, gênero, etnias, questões que se expressam em currículos, materiais didáticos, relações no cotidiano escolar. Trabalha-se pelo conhecimento como instrumento de emancipação, formação

²⁸ Podemos citar: o movimento ideológico “Escola sem Partido”, as tentativas de banimento do pensamento e obra de Paulo Freire da Educação Nacional, as imposições didáticas provenientes dos órgãos centrais governamentais, a Reforma do Ensino Médio (Lei No 13.415, de 16/02/2017).

para a plenitude e omnilateralidade do humano enquanto luta-se contra a mercantilização do saber e submissão aos ditames do capital.

Na construção social do sistema escolar, o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, ressignificado. (ARROYO, 2011, p.13). Quanto mais vem crescendo a consciência profissional, a responsabilidade ético-política, a criatividade e autoria docente maiores as disputas sobre o que ensinar, o que trabalhar, inventar, criar, no nosso campo de trabalho (Ibid, p.16).

Estudos sobre políticas educacionais e reformas curriculares, e mais especificamente a discussão sobre currículos no contexto da globalização contemporânea, mostram o currículo como expressão de disputa entre projetos de sociedade. Valores como colaboração e vínculos no trabalho confrontam-se com a ênfase à competitividade, à volatilidade e flexibilidade. A ideia de conhecimento-sabedoria é secundarizada (MENDEZ, 2014) no discurso sobre competências e habilidades, sucedem-se as tentativas e imposição/importação acrítica de conteúdos curriculares, parâmetros de avaliação do conhecimento escolar que são pautados por epistemologias externas ao caráter libertador da Educação.

Entretanto, ações e estudos dos trabalhadores docentes revelam também projetos alicerçados na defesa de uma Educação Pública que assegure a igualdade de direitos e a diversidade de necessidades, interesses, culturas²⁹, que valorize o protagonismo de docentes, estudantes, comunidades escolares em uma educação não classista.

Anuncia-se [...] a perspectiva político-cultural, [...] resposta às incessantes buscas para realização do projeto educacional consequente com as demandas contemporâneas, interpretadas nas vivências dos espaços públicos e democráticos que desejamos estar construindo. A defesa da atenção ao múltiplo, assimilável ao currículo em constante processo de mudança, alcança razões alicerçadas na tradução provisória do projeto emancipatório para a educação pública a que tanto nos referimos (XAVIER, 2000, pp 78-79).

Quando passamos a vida mergulhados numa formação opressora, normatizadora, que aprisiona o conhecimento em grades curriculares, por exemplo, pensar outras possibilidades de viver a escola, inovar, se constitui em uma contradição, mas também como um desafio motivador (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.166).

²⁹ São práticas que se manifestam, estudos que se realizam na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Médio, na Educação Inclusiva, na Educação de Jovens e Adultos, esta sendo um dos alvos preferenciais dos ataques à educação plena dos trabalhadores.

A tensão entre a reprodução e a transformação social e educacional na sociedade de classes, em uma perspectiva dialética, lembra-nos a ênfase de Rosa no papel dos sujeitos coletivos protagonizando lutas políticas com sua consciência de classe, não de forma espontaneísta, mas através da constante reflexão-ação a partir das situações que se materializam no contexto das relações sociais de produção capitalista, em âmbito local, nacional e internacional.

CONSIDERAÇÕES (NÃO FINAIS)AO LONGO DO TEMPO...

Nos limites deste trabalho, em meio às dificuldades de nos remetermos a tempos e momentos tão diferentes dos movimentos do capital e dos trabalhadores, vimos diversas contribuições de Rosa, em seus avanços e limitações, ao legado marxista. Para isso esteve aqui presente o diálogo entre a filosofia da práxis, a geografia política e sociologia conemporâneas.

Identificamos sua posição bastante comprometida com as raízes marxistas, porém não vendo o marxismo como um modelo teórico fechado, e sim acompanhando e teorizando os movimentos da luta de classes.

Observamos críticas a seu trabalho tanto por parte dos que a viram teoricamente como espontaneísta, quanto por parte dos que mais tarde interessaram-se em silenciar seus alertas quanto aos riscos que a burocratização e autoritarismo de governos, partido e mesmo dos sindicatos poderiam trazer para uma sociedade socialista e livre, para a relevância da luta revolucionária.

O que enfatizamos aqui, porém, foi a pertinência e atualidade de seu método marxista de investigação-ação, o constante olhar para as situações sociais e políticas como se apresentam, suas singularidades locais e nacionais, sem jamais perder de vista, ao contrário, realçando, as relações com as lutas de classe no cenário internacional.

E nos tempos sombrios que vivemos, em meio ao retrocesso político e ascensão de uma ultradireita no panorama mundial, podemos encontrar alento em uma perspectiva não ingênua, mas dialética, sobre a não inexorabilidade do processo histórico, sobre a vida que insiste em brotar do conhecimento, da luta coletiva, da solidariedade humana, vida que pulsa...

E eu sorrio para a vida na penumbra de meu cárcere, como se possuísse um segredo mágico, pelo qual tudo o que há de mau e de triste se transformaria em luz e felicidade. Em vão procuro uma razão para semelhante alegria,mas nada encontro e só consigo ficar no espanto. Creio que o segredo outro não é senão a própria vida. (LUXEMBURGO, 1988d, p.251).

Que rosas floresçam!

REFERÊNCIAS:

- AGUIAR**, Ronaldo Conde. O dilema da esfinge e as dúvidas do moderno Édipo. In: FREITAG, B; PINHEIRO, M. Francisca (orgs.). *Marx Morreu: viva Marx!* São Paulo: Papirus, 1993, p.169-190.
- ARENTZ**, Hannah. Rosa Luxemburgo (1871-1919). In: *Homens em tempos sombrios* São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 41-66.
- ARROYO**, Miguel. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.
- CASTELLS**, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- FRÖLICH**, Paul. *Rosa de Luxemburgo: pensamento e ação* (tradução de Nélio Schneider e Erica Ziegler). São Paulo; Boitempo/ Iskra, 2019.
- GIMENO SACRISTAN**, José. *La reforma necesaria: entre la política educativa y la práctica escolar*. Madrid: Ediciones Morata, S. L., 2006.
- GIMENO SACRISTÁN**, José (comp). *Los contenidos: una reflexión necesaria*. Madrid: Ediciones Morata, S. L., 2015.
- HAESBAERT**, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. Migração e desterritorialização. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, A.F. (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 35-46.
- _____. *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. 2.ed. Niterói: EDUFF, 2013.
- KONDER**, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LOUREIRO**, Isabel Maria. *Rosa Luxemburgo: vida e obra*. 5.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- LOUREIRO**, Isabel Maria e **VIGEVANI**, Tullio. (orgs). *Rosa Luxemburg: a recusa da alienação*. São Paulo:UNESP, 1991.
- _____. Posfácio à edição brasileira. In: **FRÖLICH**, Paul. *Rosa de Luxemburgo: pensamento e ação* (tradução de Nélio Schneider e Erica Ziegler). São Paulo; Boitempo/ Iskra, 2019, p.351-360.
- LUXEMBURGO**, Rosa. *Folheto Junius*. In: VARES, L. Pilla. *Rosa, a Vermelha: textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: BuscaVida, 1988a, p.99-192.
- _____. *A revolução russa*. In: VARES, L. Pilla. *Rosa, a Vermelha: textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: BuscaVida, 1988b, p.193-226..
- _____. *Reforma ou revolução?* (tradução de Lívio Xavier) 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- _____. Carta à Mathilde Wurm (Fevereiro,1917). In: VARES, L. Pilla. *Rosa, a Vermelha: textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: BuscaVida, 1988c, p.261.
- _____. Carta à Sônia Liebknecht (Dezembro, 1917).In: VARES, L. Pilla. *Rosa, a Vermelha: textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: BuscaVida, 1988d, p.251.
- MARX**, Karl. São Paulo: Crítica ao programa de Gotha. In: *Marx&Engels*. Obras escolhidas, v.2. Editora Alfa-ômega, s/d, p.207-225.

MENDEZ, Juan Manuel Alvarez. A enseñanza centrada em competencias o cuando la retórica no basta para cambiar la práctica”. In: XAVIER, Gelta Teresinha, JAEHN, Lisete e OLIVEIRA, M. Lucia Cunha l. (orgs). *Currículo e práxis docente*. Niterói: EDUFF, 2014.

PÓVOA NETO, Helion. A criminalização das migrações na nova ordem internacional. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A.F.(orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p.297-310.

SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2005.

SILVA, Carla Andréa Lima; **OLIVEIRA**, Geórgia Moreira. Formação e trabalho do profissional docente: professores da Educação Infantil como curriculistas. In: XAVIER, Gelta Teresinha, JAEHN, Lisete e OLIVEIRA, M. Lucia Cunha l. (orgs). *Currículo e práxis docente*. Niterói: EDUFF, 2014, p.165-194.

TORRES SANTOMÉ, Jurgo. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Porto Alegre: ArTmed, 2003.

TRAGTEMBERG, Maurício. Rosa Luxemburg e a crítica dos fenômenos burocráticos. In: LOUREIRO, I. M.; VIGEVANI, T. (orgs.) *Rosa Luxemburg: a recusa das alienação*. São Paulo: UNESP/FAAPESP, 1991, p.37-48.

VARES, Luiz Pilla (org.). *Rosa, a Vermelha: textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: BuscaVida, 1988.

XAVIER, Gelta Terezinha Ramos. *Saberes sociais, saberes escolares*. Dinâmicas Sociais, cultura e currículo. Tese de Doutorado. UFMG, 2000.